



SHERLOCK HOLMES EXAMINOU NOVAMENTE o telegrama que havia recebido de Cashmere Boswell como se fosse possível arrancar mais alguma informação, o que já sabia ser uma tarefa destinada ao fracasso. Afinal, a mensagem era absolutamente sucinta:

VENHA MANSÃO FEATHERSTONE. PRECISAMOS AJUDA.
ASSASSINO SOLTO. URGENTE.

Ele balançou a cabeça, sentindo-se subitamente irritado. A carruagem avançava pelas ruas de Londres na mais completa escuridão. Aquele estava sendo um outono muito frio e chuvoso, que aparecia avançar pela cidade como ondas geladas do mar do norte. Mas o pior era a neblina.

Nas últimas noites, uma terrível névoa havia tomado conta de boa parte dos bairros londrinos e o ar, já fétido, parecia estar mais denso do que o costume e permanecendo por mais tempo do que os antigos lembravam. As missas voltaram a lotar e os pobres e andarilhos se acotovelavam nas portas dos abrigos antes que a lua surgisse. Afinal, esse era o Dia de Todos os Santos, mas para os crédulos e os ocultistas, era a noite para celebrar o Dia das Bruxas e ninguém queria ser pego perambulando pelas ruas escuras na véspera do dia dedicado às almas dos mortos.

A carruagem avançava devagar, pois mal era possível observar o caminho ladrilhado à frente e os únicos sons distinguíveis eram da própria neblina que se movia ou dos cascos do cavalo batendo ritmados nas pedras. Sherlock precisou acrescentar um soberano ao pobre chofer para que ele aceitasse aquela corrida. Eram apenas sete horas da noite, mas a maior parte das cavalariças já estava lotada, pois ninguém parecia disposto a sair com um tempo tão ruim.

O telegrama o alcançou ainda na escola Harrow, o que fora toda a sorte. Não sabia se poderia arranjar uma desculpa para o seu irmão, Mycroft, se voltasse para a Mansão Holmes e saísse novamente. Assim, despachou um telegrama para casa, dizendo que ficaria na escola por causa do acúmulo de tarefas e preparou-se para viajar até o norte de Londres, na erma região onde a Mansão Featherstone fora erigida.

Foi uma viagem longa, cansativa e aborrecida. Sem nenhum tipo de informação sobre o que estava fazendo ali, tentara se lembrar de qualquer coisa que fosse útil sobre a tal mansão ou seus ocupantes, mas nada lhe veio à mente. Por mais de uma vez, culpava Cashmere e chegara até mesmo a pensar em mudar de ideia e rumar para casa, mas acabou desistindo. Sabia que não poderia fazer aquilo. Era verdade que, nas duas vezes que se encontrara com Cashmere, acabara se envolvendo em aventuras perigosas, mas, por outro lado, sentira-se bem ao conseguir fazer a diferença na vida de outras pessoas. Ele e Cashmere salvaram a vida de duas pequenas garotas de um sequestrador homicida^[1] e livraram o pescoço de um jornalista que se tornara a vítima de um assassino cuja mente pervertida Sherlock rezava não ter que cruzar novamente^[2].

Ele rosnou para dentro de si mesmo e abriu a cortina da janela, arrependendo-se logo em seguida. As ruas escuras e pouco

convidativas, iluminadas apenas por um lampião ocasional e as luzes da carruagem, pareciam dar asas à imaginação. Monstros disformes, criados pelas sombras irregulares, surgiam aqui e ali, arrebatados pelos pouquíssimos transeuntes que se arriscavam a perambular pelas ruas.

Era um pouco antes das vinte horas quando a carruagem atravessou as grades de um portão enferrujado e circundou os restos de um chafariz demolido antes de parar na porta da Mansão Featherstone. Havia apenas um único lampião aceso do lado de fora e mal era possível observar a estrutura georgiana. Sherlock observou, apenas, o telhado irregular e as rachaduras na parede e na pintura. Ele pagou ao condutor, que atitou o cavalo com um estalar do chicote, avançando para dentro da neblina antes mesmo que ele tivesse a oportunidade de bater na aldrava.

Em menos de um minuto, Sherlock estava completamente sozinho, na frente de uma mansão fechada e escura.

Ele segurou a maleta com mais força e bateu na porta. Foram apenas poucos minutos até ele ouvir o barulho de uma chave sendo girada, mas, para o rapaz, pareceram que passaram horas.

Assim que a porta foi aberta, ele escapuliu para dentro da casa, como se estivesse fugindo da neblina.

Cashmere sorriu brevemente, mas, então, ela avançou e o abraçou.

— Obrigada — disse ela, observando-o com seus olhos amendoados. — Eu sabia que poderia contar com você.

Longe da presença opressora da neblina espessa, Sherlock sentiu o coração desacelerar. Ele a encarou rapidamente, notando algumas rugas novas embaixo dos olhos e junto aos lábios carnudos. Ele assentiu para a jovem cigana e se virou para observar a mansão. Estavam em um hall escuro, sujo e empoeirado.

— No que foi que você me meteu dessa vez, Cashmere?

Ela sorriu.

— A Mansão ficou abandonada por mais de uma década, mas o seu novo dono, John Featherstone, pretende restaurá-la.

— Boa sorte para ele. O que estou fazendo aqui?

— Eu lhe disse — disse Cashmere. — Temos um assassino à solta.

— E por que não chamaram a polícia?

— Porque eles não acreditariam em nós.

Sherlock a observou. Cashmere era cigana, nascida na Europa Oriental e com o tom de pele escuro demais para ser considerada uma inglesa de *verdade*. Já o prof. Anderton, seu mentor e empregador, era um homem que ganhava a vida fazendo sessões espíritas e, teoricamente, conversando com mortos. O rapaz sabia, por experiência própria, que a polícia adquiria ouvidos completamente surdos para qualquer um que não se enquadrasse em uma espécie de padrão institucional. No entanto, havia outro elemento aqui.

— Nós? Digo, sei que eles não se importam muito com os ciganos ou tem dúvidas razoáveis sobre o trabalho do prof. Anderton, mas o dono dessa casa me parece ser alguém com muito dinheiro. Duvido que a Scotland Yard ignore um pedido desses.

— Eles vão ignorar, sim — ela disse, contorcendo as mãos.

Sherlock a observou com mais atenção.

— Por quê?

— Porque a nossa única testemunha é um espírito.



[1] Leia Feriado de Meio-Período de Primavera - A Aventura das Fadas de Cottingley.

[2] Leia Feriado de Meio-Período de Verão - O Facínora da Drury Lane.